

POR QUE ESTAMOS ENROLADOS

Veja quais são os nós que atrapalham a economia brasileira

Dívida pública

O governo gasta mais do que arrecada e precisa pedir dinheiro emprestado ao mercado. Como o Brasil é considerado um país de risco, os investidores exigem juros altos para comprar os títulos da dívida pública

Importações

O país importa mais do que exporta, o que gera déficit comercial. Ou seja, o país compra mais do que vende. Resultado: há menos dinheiro circulando dentro do Brasil para ser usado no estímulo à produção

Exportações

No Brasil, é difícil exportar porque não é fácil produzir artigos a preços competitivos lá fora. Isso ocorre justamente porque os juros são altos, o sistema de impostos é confuso e o crédito é escasso

Calote

Como os juros são muito altos, consumidores e empresas têm dificuldades para pagar suas dívidas. Na tentativa de evitar perdas com os inadimplentes, os bancos exigem muitas garantias para ceder empréstimos

Crédito

Sem dinheiro disponível a juros baixos, a população que depende do credor deixá de comprar, o comércio não vende e a indústria reduz a produção. Com medo do calote, até os bancos deixam de emprestar

Desemprego

Sem ter para quem vender, as empresas demitem para cortar custos, dão preferência às vendas à vista ou cobram juros ainda altos do consumidor para se proteger. Tudo isso aprofunda a recessão e aumenta o desemprego

Arrecadação

Com a economia parada o governo perde porque deixa de arrecadar impostos que seriam gerados pelo movimento de compra e venda de mercadorias e serviços. A saída para fazer caixa é emitir mais títulos com juros mais altos



Editoria de Arte/Amaro Jr.

Brasil, um país de mãos amarradas

Reformas ficam no discurso, governo gasta demais, trabalhadores perdem emprego e empresários não conseguem empréstimo

O sonho de um Brasil em crescimento ainda é somente isso: um sonho. Preso nas próprias armadilhas de sua política econômica, o país exibe "nós" difíceis de serem desatados de uma hora para outra: juros altos, dependência extrema do capital externo, crédito interno restrito, recessão, desemprego... E são justamente esses "nós" que estrangulam a economia nacional no atual momento de integração global e obrigam os brasileiros a apertar cada vez mais os cintos. "Do jeito que a coisa vai, fica difícil dizer que a situação vai melhorar", lamenta Adauto Lima, economista do Lloyds Bank.

Em uma roda-viva com tantos problemas, é arriscado afirmar onde tudo começou (e muito menos onde vai terminar), mas muitos economistas dizem que o Brasil está sofrendo de uma intoxicação por excesso de remédio. O medicamento foi o Plano Real, que ancorou a moeda nacional

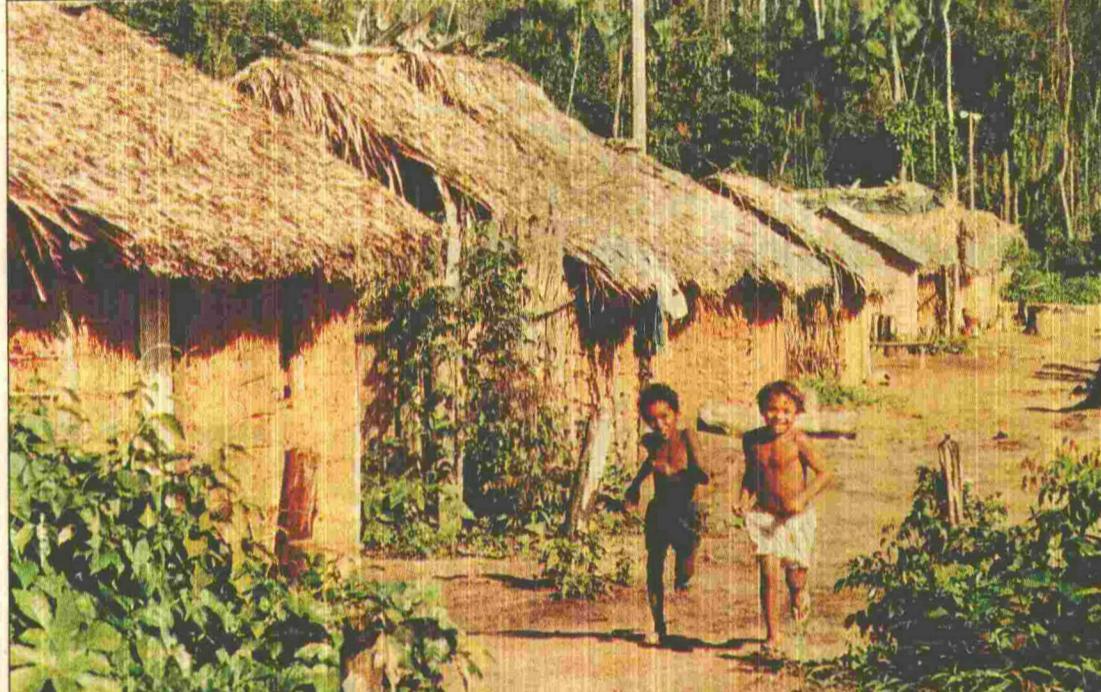


ao dólar por um tempo muito longo e elevou a dívida externa. Por quase cinco anos, o câmbio fixo e a redução de barreiras alfandegárias foi suficiente para garantir a entrada de produtos importados no país. Era uma forma de estimular a competição no mercado interno pelo lado da oferta.

"O problema é que a estabilização virou um fim em si mesmo e isso levou o país à crise. O controle da inflação não foi acompanhado de outras medidas urgentes", analisa o presidente do Sindicato dos Economistas do Distrito Federal, Júlio Miragaya. Entre estas medidas, constam as alardeadas reformas — mudanças na legislação para simplificar o sistema de impostos, reduzir encargos trabalhistas, fixar novas regras para aposentadoria. Essas reformas teriam como metas reduzir os gastos públicos e permitir que as empresas tivessem menos custos para operar.

A importação desenfreada

Jorge Cardoso



Estado sem verbas: 30 mil famílias deixarão de ser assentadas até 2002 por causa dos cortes no orçamento

pós-Real acionou uma bomba-relógio. De um momento para outro, o país passou a comprar mais do que vender. Virou um comerciante que fatura R\$ 1 com suas vendas e gasta R\$ 10 em suas compras. E que aproveitava as férias para passar um tempinho no exterior, gastando mais alguns dólares (quem não se lembra da época em que uma passagem de ida e volta para Miami custava R\$ 500, menos

do que se desembolsa hoje num bilhete para São Paulo?). Resultado de tudo isso: os dólares saem mais do que entram, há déficit no balanço de pagamentos. Em 1999, o rombo acumulado é de US\$ 773 milhões.

A concorrência com os importados prejudicou setores da indústria nacional. Muitas fábricas fecharam ou foram vendidas para investidores estrangeiros (o Brasil estável era considerado

um excelente negócio). Com menos dinheiro circulando no país, o governo (que já gastava mais do que arrecadava) foi obrigado a pedir empréstimos mundo afora para garantir só o pagamento de juros. A dívida líquida do setor público hoje está estimada em R\$ 491,06 bilhões — 49,8% do Produto Interno Bruto. Ou seja, o país deve quase metade de tudo que produz num ano. (LR)

Anderson Schneider



Futuro ameaçado: desemprego dos pais, especialmente nas classes de baixa renda, obriga cinqüenta mil menores brasileiros a trabalhar em lixões nas grandes cidades